

Limoeiro Real

Volume I, Verão 2022



ÍNDICE

9 EDITORIAL

Inês Francisco Jacob

13 H2OUTRA

Max Blecher

25 ETERNIDADE
ETERNITAT

27 NA PRAIA
PE ȚĂRM

29 ANDANÇA
UMBLET

Ederval Fernandes

30 SENTIR MUITO

36 SONGS IN THE KEY OF LIFE

Gabriella Egavalle

39 RONDA

Frederico Falco

49 ADA

Miguel-Manso

76 CATIVEIRO

77 ABRIL EM MAIO

78 VIDEOCASSETE



Emily Dickinson

81 NAVEGANDO

SETTING SAIL

83 PREOCUPADA COM MUITAS COISAS

TROUBLED ABOUT MANY THINGS

Isabel Minhós Martins

85 O CORPO AO MANIFESTO

88 PALAVRAS-CRUZADAS

90 ENVIO POSTAL

Yoko Tawada

93 SOTAQUE

Alfonsina Storni

101 FESTA

FIESTA

103 PUDIERA SER

PUDERA SER

105 VOU DORMIR

VOY A DORMIR

Cesare Pavese

107 LER

114 SUGESTÕES DE VERÃO

116 AUTORES



EDITORIAL



O verão é o tempo do tempo. Os dias são longos e vagarosos, de difícil compreensão. Estendem-se no plano onde decorrem todos os eventos, sem que consigamos realmente intervir. Cépticos de que possam ser realidade, aproximamo-nos dos dias de verão com cautela, e quando a sua exuberância chega, não a julgamos capaz de existir. Nisso, a cadência dos dias de verão assemelha-se ao melhor que a literatura tem para nos oferecer.

É por essa sensação atemporal que os editores da Limoeiro Real escolheram esta estação para apresentar o primeiro volume da revista. Procurámos nestas páginas estabelecer um diálogo entre presente e passado (e

possibilidades de futuro), entre incerteza e realidade, entre o ensaio e a ficção, dando visibilidade a textos de desembaraçada leitura mas de complicadíssima catalogação, que convidam a várias interpretações e a tardes inteiras com o nariz enfiado entre as suas páginas (foi o que nos aconteceu).

Abrindo o leque para que nele possam conviver vozes de diferentes realidades, quer sejam no tempo ou na geografia, ou no estilo, as autoras e os autores aqui presentes estão unidos por esse elogio à ambiguidade, à incerteza e ao desejo. Isso permite que um ensaio subtil e honesto como o da autora japonesa Yōko Tawada conviva perto do imaginário afligido do surrealista romeno Max Blecher, figura muitas vezes esquecida, mas essencial no mapa das vanguardas europeias do século XX.

Do mesmo modo, foi uma decisão editorial convidar autores que se têm afirmado em território nacional, num determinado género literário, a procurar novas formas de expressão. O resultado são textos como o ensaio dedicado ao mar que abre este volume, da poeta portuguesa Inês Francisco Jacob, ou o conto especulativo de tons oníricos da poeta brasileira Gabriella Egavalle. No “caderno azul”, o leitor encontrará uma contribuição em verso de Isabel Minhós Martins, autora de álbuns ilustrados que encantam os mais novos, mas que cantam em muitas línguas e muitas idades.

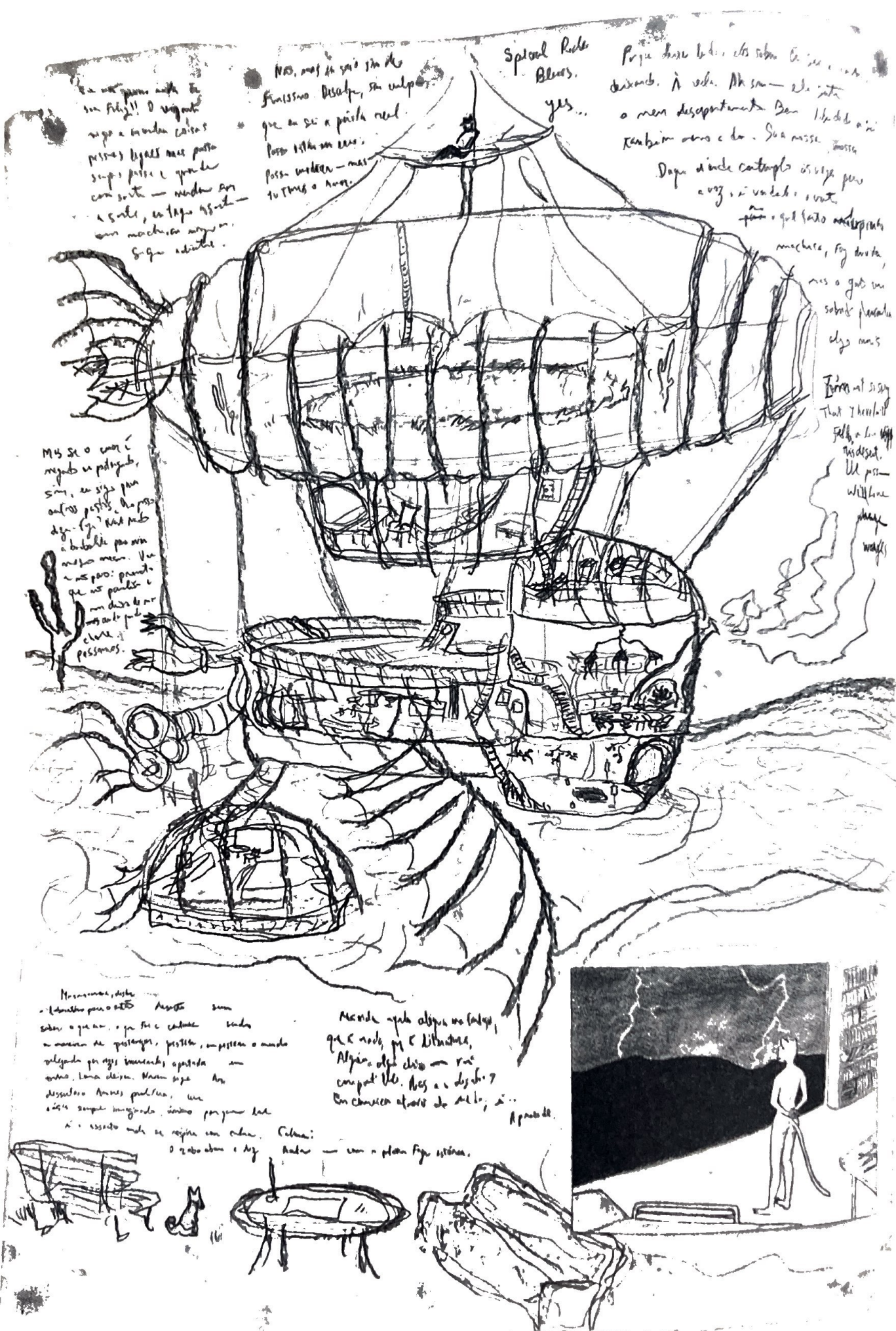
Os poemas de Miguel-Manso e de Ederval Fernandes aprofundam a ânsia veranil pela descodificação do lugar que ocupamos, da língua com a qual nos expressamos e do tempo que nos rodeia. Dialogam nestas páginas com as longínquas inquietações de Emily Dickinson, retiradas do seu primeiro livro, publicado postumamente em 1890.

A capa do primeiro número da Limoeiro Real, ilustrada por Bina Tangerina, evoca e encerra com igual subtileza esse estado onírico e estival. Nessa representação da companhia, da partilha íntima nas profundidades da natureza, julgamos encontrar o verdadeiro propósito da arte escrita: um contínuo desafio ao concreto, às imposições do espaço e às divergências do tempo.

Tal como Ada, a menina do conto de Federico Falco que passa os dias a ler, convidamos o leitor a entrar no jogo das infinitas tardes de verão, na praia, no sofá ou nas escadas, e ver até onde as folhas deste limoeiro o podem levar.

Os editores da Limoeiro Real,
Inês Viegas Oliveira,
Mariano Alejandro Ribeiro e
Raquel Mestre

Junho de 2022



Eu não quero nada de
um filho!! O segundo
nipo a grande coisa
pessoas ligadas mais perto
simplesmente e quando
com sorte - mesmo com
a saúde, eu não quero
um macho ou mulher -
só que adianta.

Não, mas eu não sou do
finíssimo. Desolado, sem culpa
que eu sei a coisa real.
Pode estar em casa.
Pode morrer - mas
tu tens o amor.

Special Rule
Bleed.
yes...

Porque disse lá, eles sabem que não
deixam. É só. Ah sim - ela está
a meu descontentamento. Bem, lá de
também não é do. Sua mãe, mas

Depois de onde cantam os vinhos para
a voz, é verdade, o vento
para o qual tanto me preocupa

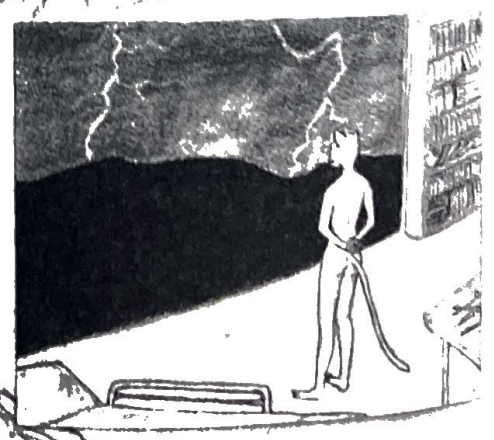
machado, fog de fogo,
mas o gato me
soborbe a palavra
algo mais

From all sides
That I should
fall, a little
misdeed.
The person
will have
change
maybe

Mas se o amor é
negado e perdido,
sim, eu não quero
outros filhos, não posso
dizer. Eu não quero
a liberdade para mim
mesmo mesmo. Não
é um pouco: preciso
que os pais não
me deixem de ser
muito mais perto
deles e
pessoas.

Resumindo, disse
- liberdade para o outro. Mas
saber o que eu, o que eu e outros
a maneira de pensar, pensar, compõem o mundo
religioso que não é mais, apenas a
alma, uma coisa. Mas não sou
desse modo. Mas não sou, uma
coisa sempre imaginada, como por quem lá
é o mesmo modo de respirar com calma. Calma:
o que é a alma e a alma - com a alma não se trata.

Acorda agora alguns no futuro,
que é mais, que é a liberdade,
Alguns agora estão em um
compromisso. Mas a coisa é
em conexão com o futuro, a
Aprende.



Esboço da autora.

Gabriella Egavalle

RONDA

Numa casa móvel imensa, de continentes diversos, e hóspedes vivos e mortos, que é máquina, matéria orgânica e fantasma. De tempo em tempos é preciso fazer. Aproveito a ocasião da sua visita para fazê-la. Te estimo, você sabe, ou você veja; e são tempos de sublime agitação interna — pressinta e sinta: o trovão dentro da terra — o que costuma preceder a estabilização de uma nova ordem; põe-nos sempre num estado de gravidade. Não é prematuro; é quase tardio; não,

é o tempo acertado, o naturalíssimo. Sem culpas, desculpas ou remorsos. Você nos honra sentir a honra? É o constante milagre, que acordou. Eu vou — te mostro.

No fixo, somos aqui três;

A nossa criatura humana, pobre ella senhorita, passou temporada de precisada enfermidade. Nem na cabine se alojava, não suportando a vista das páginas em branco. Ao invés, consciência dando lugar para subconsciência, ficava no aposento submarino, que, asseguro, é uma beleza de se ver, mas em estação de loucura nem a beleza do pacífico chega. Paz não chega, não se havendo. E obstinava com exagerada frequência receber visitas de estranhos... Pelo que tivemos de confiscar-lhe a chave; medidas do extremo obscuro. A Secretária, por sua vez, na ponte de comando, tinha porém toda a sua energia consumida na luta viperina, sim, contra os venenos — Ela que é indispensável para a gerência dos recursos, ao organizar das entradas e das saídas, das matérias-primas, de alimento e de bebida e da gema criativa — e assim se usava mesmo só para isso. Modo que eu fiquei toda só, bicho, a ver navios. Mal vendo, pois que tanta era a neblina, e simultâneos tantos eram os perigos a se vigiar. Sobrecarregada com a função duma vigília cega, no alto do mastro, também eu, até eu, que sobrevivo de instintos, enlouqueci. Ah — você não quisesse ver. Eu

mesma não deixava. Mas isso passou, com o natural da tempestade. Agora devidamente está a de-rapina diante do painel de comando, e a pessoa-escriba diante da sua mesa, e eu, bípede-parda-onça, estou enfim livre para fazer na nave toda a ronda.

Observe a cena tingir em sépia, com lúmens reflexos de azul ciano: somos eu e você, numa unidade, dez dedos pousados nesse corrimão frio de metal, a madeira do deque assoviando e rugindo sobre nossas botas. A vista: é branca. Um dia nublado, são talvez quatro da tarde. A brisa aqui levanta a cortina atrás da qual está tudo o que se quer. E o que se quer é o saber do que está atrás. *Eu detesto essas divisões. Uma pessoa inteiramente no escuro sobre a outra.* Ronda: estamos nós, um só cometa, ciano iluminando sépia em mechas, pensando juntamente. Cativando com palavras os sentimentos como a animais selvagens, para eles não terem medo. Meu longo rabo te espana o rosto; fora do meu controle. Do meio do branco irrompe um golpe do vento, e, como uma cauda em sua vontade própria, nos espana ambos os rostos. Pensamos juntamente; nas escolhas certas e erradas, em veredas que não carecem de ser binárias, mas que às vezes o parecem — desde a solidão do deque — e então você reaparece (eu estava olhando era para o breu dentro); e eu te tomo pelos olhos e lanço, qual o feixe ciano: contar-

-me-ia camarada, a História do seu Amor? Pois que nessas vigas dessa madeira desse deque, é assim que — descortinas — acontece.

Faço com a cabeça que me siga e prossigamos. Deixando às gaivotas a quina dramática da proa, que aponta para Norte, damos passos ao Sul até o hall coberto no fim do deque. Podemos escalá-lo e adentrar a ponte, e da ponte subir à cabine; mas eu sugiro começarmos por baixo. É estranho como, em ante-salas e corredores, as cortinas parece que ameaçam voltar a cair...

Pousando no salão o cheiro é de mescal. Produzo uma taça, te sirvo. O ciano tinge, entrando pelas janelas de bronze moldura redonda, as paredes de madeira sépia escura. Te peço que se sente em qualquer cadeira ante qualquer mesa e faça com a cabeça que te siga. Este salão é onde se ceia, se bebe, se dança, e se conversa. Temos pressa? Os retratos na parede são de mulheres que conhecem ou conheceram a Loucura. O salão é possível que seja o próprio retrato da Loucura. O que você me pergunta? Sim-com-toda-insã-certeza. Durante as ceias todas as cartas são postas na mesa. E delas nos alimentamos. Nem sempre é bonito; é por vezes assustador. Nossos convidados, você sabe, ou você veja, pertencem a diversos séculos e décadas, *uma estranha simultaneidade*. Visualiza Emily Dickinson e Estela do

Patrocínio lado a lado. A Secretária, quem a todos convoca, faz o seu melhor, estou certa, para encontrar pontos de convergência, ou de mutação, entre as personalidades presentes. Mas vezes comemos em silêncio. O que para mim é outra espécie de vitória. No em-geral: debates quentes e frios já foram aqui servidos e devorados. Mas também, volta-e-meia, solilóquios, graciosos ou melancólicos, se derramam por sobre uma mesa; a depender do clima lá fora, da concentração de sal no ar. As festas: extraordinários espetáculos de dança. Há na torre a estação de rádio; e a nossa antena é muito alta; da qual pirata como você poderia tomar conta...

Rabo-espana-sobe-escada, de volta à ante-sala. Poderíamos descer ao submarino; mas o lugar por ora me dá arrepios, da loucura ali recente. Além, apenas te recém conheço. Ademais, são só peixes rodeando um aquário com uma cama no sacro-centro... Esqueça o que te confesso, pelo proceder.

Então descendo outros degraus se encontra a cozinha. Ali está o fogo na cave da pedra: é Cálcifer. E — Mas — Ao penetrar o ambiente de álacres aromas e calor sobrenatural, ainda de pé sobre a soleira, assalta-me uma súbita brandura. Percebo, para o meu terror, que estou sozinha. Verdadeiramente desacompanhada. Olho por sobre

mim, ao redor, e a presença com quem eu compartilhava a ronda se revela — raios cianos cortam a cena — sido sempre inventada. Em passos catatônicos arrasto-me até a poltrona situada defronte de Cálcifer. Caio sentada, petrificada como quem desviu um fantasma. Quantas cortinas se hão? Estive saltitando mais como um cabrito do que como um gato, puxando pela mão e pelo braço senão um espectro desejado, e pior: despersonalizado. Sei quem te era? Não sei. Fitando-fixo as mãos e os braços do fogo, meus braços nos braços da poltrona fundidos, flutuo no perplexo da raridade que é realmente enxergar, conhecer, comunicar com outra criatura. Na vertigem parece impossível. Possível é — num estado de ternura que perfura persianas... E como é que tenho saudade do fantasma que me aderiria? Um específico, por Hora, chegou a ser. Mas eu me confundi. Estou no grave. Só posso esperar que, quiçá, volte.

Cálcifer, meu coração tornado externo e tornado outro e tornado tornado de fogo, acordou-me.

Deixo a cozinha soturnamente — está em acontecimento o crepúsculo — para ir conferir minhas solitárias companheiras. Ronrono pelas escadas acima, Mas como, mas como? Adentro a ponte sem bater à porta, e vira-se imediatamente dos painéis o robusto corpo da Secretária,

olhando-me inquisitivamente. Com meus braços caídos lado ao corpo e o rabo entre as pernas, pergunto: ‘Você viu — você sabe — alguém?’ Ao que as penas no topo da sua cabeça ventam, e ela me olha em compaixão. Depois se volta às telas do painel, onde edita as cenas de um filme. A sala, toda-janela, tem uma amplitude paradoxalmente alentadora; a paisagem fica uma estória no suave murmurada enquanto se trabalha. A presença constante dos sonares induz um transe que te poria a dormir se não, do contrário, no dentro do sonho te despertasse. Escaneio as pilhas de documentos, as telas em movimento, as luzes piscando, os pratos espalhados com restos de peixe cru, uma ou duas jarras de leite. Como estou rondando só, confidencio um tesouro: que esse leite vem dos internos da ave de rapina. Absurdo sendo... E nos confere grandiosa nutrição. A linha do horizonte é vermelha, mais acima tudo índigo, enquanto aqui dentro tudo sépia, e cianos os painéis. Mas eu soluço; aqui agora não tenho serviço. Fecho a porta atrás de mim e sigo subindo.

Dessa vez anuncio minha presença batucando a madeira com as pontas das unhas, e escuto a voz doce da escritã me requisitar, e logo entro. Vejo-a de olhos fechados deitada na rede que cruza o aposento, os papeis na mesa descansando, a chama de uma vela vibrando. Observo-a um instante, seu respirar, acho por bem deixá-la no seu

finalmente pacífico. Movo-me até as escadas de mão —

Que levam à torre, ao envelope do dirigível, o nosso balão. Uma estreita ante-câmara contém as máscaras de oxigênio. Aparatada lá ponho-me. É o nosso jardim, com estranha vegetação que respira o gás hélio, e no centro o lago cintilante. O tecido do balão, translúcido, deixa ver o azul ultramarino do ocaso. Ando por aqui resignada, algo baqueada pela descoberta da sempre renovada vulnerabilidade das criaturas às ilusões. Contemplando esta casa, minha ronda estando feita — Ah ah! — a não ser! pelo hall de entrada! cujas escadas descendo do salão conectam! Pode ser então que tenha sido esse o lapso pelo qual se intrometeu o falso? Por onde falhou de entrar o visitante real? De tal natureza a minha imprecisão: dizendo respeito à recepção, às maneiras de hospitalidade, eu anfitriã, ou — como se dar de conhecer ao outro. E eu me esqueci foi da nossa porta? Assumi-te já cá dentro, no deque pousado, quando nem nunca te havia feito entrar. Voa-lá — oiço tocar a campainha. Quiçá.

